

Fernanda de Souza Almeida\*

## Editorial

**As Artes Da Cena Nos Palcos Das Infâncias**

## Editorial

**As Artes Da Cena Nos Palcos Das Infâncias**

Com a Convenção sobre os Direitos da Criança adotada pela organização intergovernamental das Nações Unidas (ONU) em 1989, as crianças deixam de ser objetos de cuidado e passam a ser sujeitos de direitos. Direito de ser consultada, ouvida, de ter acesso à informação, de tomar decisões em seu benefício (COSTA, 2016) e de participar ativamente da vida em sociedade, incluindo as políticas públicas culturais e educacionais.

Particularmente, destacamos o direito das crianças às Artes da Cena descritas, não só na Convenção sobre os Direitos da Criança (ONU, 1989), como na Constituição Federal (BRASIL, 1988) e na lei 13.278 publicada em 2016 na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96; BRASIL, 1996), na qual as artes visuais, a dança, a música e o teatro se tornam disciplinas obrigatórias na matriz curricular da Educação Básica.

Entretanto, apesar da lei, a Dança, o Teatro, o Circo e a performance ainda são uma realidade inexpressiva no cotidiano de escolas brasileiras públicas e privadas. Assim como, também, é escasso o fomento, por meio de editais de chamamento público para financiamento de projetos nesta área, voltado ao público infantil, em relação à proporção do Brasil: um país continental.

Não faltam esforços de profissionais da área para essa mudança, todavia torna-se um grande desafio o deslocamento de um olhar construído sócio-histórico-culturalmente que inferioriza os saberes do corpo e do sensível, para um que considere as linguagens artísticas como conhecimentos fundantes para formação humana em sociedade. Fato este, que o presente dossiê pretende contribuir.

Em âmbito acadêmico, os números não se diferenciam. Nota-se que nos maiores eventos acadêmicos em Artes da Cena e Educação, tais como ConFAEB, Congresso Nacional da Federação de Arte Educadores do Brasil; ABRACE, Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas;

ANDA, Associação Nacional de Pesquisadores em Dança; ANPEd, Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação, entre outros, não há Grupos de Trabalhos (GTs) para apresentar, socializar e debater pesquisas em andamento e concluídas, na interface com as infâncias.

Ainda existem hierarquias protocolares que invisibilizam epistemologicamente os estudos com/sobre essa gente de pouca idade e posturas decoloniais para que se consiga uma ética viável no campo de investigação das Artes da Cena. Estes dados, apontam para a relevância do presente dossiê ao se propor criar um espaço para aglutinar e impulsionar a produção de pesquisas com/sobre crianças.

Vale frisar que, as iniciativas educativas, artísticas e investigativas com, para e desde as crianças estão intimamente entrelaçadas com as concepções de infância, de cultura, de arte, de dança, teatro, circo e performance. A esse respeito, apontamos para uma direção em que a infância seja algo para onde vamos e não para onde temos que voltar.

Nesse sentido, este dossiê se desvelou em uma reunião de escritos para pensar sobre, com, a partir e a favor da infância no fazer artístico, investigativo e docente, inundados de debates acerca dos processos criativos e formativos, em diálogo com as discussões sobre culturas infantis, diversidade, diferença, acessibilidade, gênero, relações étnicos raciais, corpos não normativos e marginalizados e políticas públicas.

No âmbito das Artes da Cena, lançar-se ao desafio da investigação e da descoberta de novas práticas criativas-educativas fomenta a ampliação de diversas vias de acesso, valiosas para potencializar os corpos-crianças na produção de suas culturas, capacidades, sentimentos, pensamentos, afetos, imaginações, expressões e experiência do movimento em dimensão poética. As Artes da Cena e as Infâncias são territórios de criação.

Essa reunião de pesquisas, portanto, demonstra que já não basta apenas nos permitir escutar as crianças e incorporar suas vozes nos diferentes

contextos, mas é necessário favorecer, garantir e atuar em conjunto para que as iniciativas para e com elas sejam implementadas e consolidadas. Há que se continuar investindo em ações que provoquem a visibilidade das infâncias em nossa sociedade adultocentrada, especialmente no âmbito acadêmico.

A esse respeito, urge assumir a infância, não como uma fase de ausência da fala, mas uma forma soberana de exercê-la, em sua máxima expressão multilinguagem (ALMEIDA, 2023). Se faz, cada vez mais, importante romper com a verticalização adulto-criança para fortalecer a palavra dessa gente de pouca idade dentro da comunidade, promovendo sua participação cidadã. É necessário parar de traduzir a “verdade infantil”, para a língua adulta.

E, ao lançar uma mirada sensível e comprometida ao contexto das diferentes infâncias, este dossiê primou por legitimar não apenas as discussões em âmbito educativo, mas em outros espaços que trouxessem para cena as crianças, seja na produção artística, na curadoria de arte, nos editais de fomentos ou na formação docente inicial e continuada, incluindo os projetos de pesquisa e extensão.

Um modo de fomentar um dizer SIM às crianças como propositoras de sentidos estéticos, aos seus saberes, seus fazeres artísticos e sua capacidade de fruição, apreciação, de compreender o mundo e de colaborar na construção do conhecimento, nos diversos contextos artístico-educacionais.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernanda de Souza. **Costuras a muitos corpos para dançarelar na Educação Infantil**. Formação inicial docente e Estágio supervisionado em Dança. 234 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei nº 9.394**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 26 de dezembro de 1996, Brasília: Senado Federal, 1996.

ONU, Organização das Nações Unidas. **Convenção sobre os Direitos da Criança** de 20 de novembro de 1989.

COSTA, Maria Aparecida A. **Educação Infantil em Goiás: percursos e contradições nas décadas de 1980 e 1990**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2016.

---

**\*Fernanda de Souza Almeida** é Professora Adjunta do curso de Licenciatura em Dança e do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da Universidade Federal de Goiás (UFG). Lidera o Grupo de Pesquisa em Dança: Arte, Educação e Infâncias (GPDAEI) e coordena o programa de extensão e cultura Dançarelando, em seus cinco diferentes projetos. É mestre em Artes pelo Instituto de Artes da UNESP, área de concentração Arte Educação e Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.